



## **A PRODUÇÃO CAFEEIRA E A MIGRAÇÃO DE MINEIROS E PAULISTAS PARA MARIA HELENA NO NOROESTE PARANAENSE**

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3712

Kassia Hellen Machado Passos, UNOPAR  
Dayane Giselle Guimarães Carpi, UNOPAR

### **Resumo**

O enfoque do trabalho sobre a história local é a influência do café na construção econômica e na migração pretendendo compreender como ocorreu a colonização da região noroeste paranaense especificamente em Maria Helena (PR) e sobre como se deu o desenvolvimento do café e a migração de mineiros e paulistas que vieram atraídos pelos baixos custos e longos prazos para pagamento das terras. Pretende-se construir o conhecimento histórico sobre a colonização e os motivos que fizeram com que inúmeros agricultores migrassem para uma área a ser desbravada com um solo pouco fértil e arenoso para a agricultura e as estratégias tomadas pelo governo para fazer com que a produção cafeeira continuasse a crescer no Brasil. Discute-se também os principais motivos que levaram a falência da produção cafeeira no Paraná. O trabalho justifica-se pela necessidade de registrar a história local já que não existem registros formais sobre o processo migratório do município, pela falta dessas fontes formais a grande quantidade de famílias tradicionais na cidade influenciou positivamente na elaboração do trabalho servindo como fontes orais de pesquisa além de colaborar com a coleta de imagens. Desta forma as fontes iconográficas, documentais e orais foram as principais fontes utilizadas na efetivação do trabalho. Portanto, também coloca-se como objetivo do trabalho descobrir como essas famílias influenciaram na cultura e na economia do município e como a agricultura e a migração se sucederam após o fim da produção cafeeira.

### **Palavras Chave:**

migração; cafeicultura;  
colonização; cultura;  
economia.

## **Introdução**

Muito é discutido sobre a importância das pesquisas sobre história local, porém, pouco se é pesquisado a fundo sobre esse tema. Assim, com estudo da história local e regional poderemos alcançar a compreensão sobre como ocorreu a colonização de uma devida região - nesse caso - da região noroeste paranaense na cidade de Maria Helena. Dessa forma, é possível entender como se deu o desenvolvimento do café e a migração das famílias que vieram atraídas pelos baixos custos e longos prazos para pagamento das terras. O artigo também visa abordar sobre as famílias xetás que habitavam nossa região até o começo da colonização e da fundação das cidades que acarretaram em constantes migrações para as crescentes plantações de café.

Desta forma, como descrito no livro “O Paraná e seus municípios”, o principal motivo para essas migrações para a região noroeste do Paraná foi o convênio de Taubaté quando o governo, especificamente de São Paulo e Minas Gerais, procurou meios para a valorização da produção cafeeira. Isso explica o motivo pelo qual essas pessoas decidiram colonizar essa área do Paraná visando a obtenção de terras e lucros. Vieram atraídos pelo baixo custo das terras e pela produção na área cafeeira. Mesmo esta região sendo arenosa, teve uma boa recepção ao café, tornando-se uma grande produtora e aumentando ainda mais a migração de pessoas de outros estados para o trabalho agrícola.

Outro ponto interessante que foi analisado são os principais motivos que levaram à falência da produção cafeeira no Paraná. Ela aconteceu em 1975 com a chamada ‘Geadas Negras’ que atingiu grande parte do Paraná e acabou com todas as plantações de café. Mesmo antes da geada, o café começava a diminuir sua produção perdendo lugar para o trigo e a soja, entretanto ainda era a principal cultura agrícola do estado. A geada se deu

no dia 18 de julho de 1975, muitas famílias que dependiam da agricultura migraram para outras regiões e as que decidiram permanecer tiveram que encontrar novos caminhos como a pecuária e o comércio, caso este das famílias nipônicas que se estabeleceram na região.

A produção da região, no entanto, começou a expandir-se após o Convênio de Taubaté (25 de fevereiro de 1906), quando governos de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro celebraram acordo cobrindo aumento de produção cafeeira. A transferência para o Paraná, onde não haviam restrições, foi a saída encontrada por muitos fazendeiros paulistas e mineiros. A partir de então, a cafeicultura cresceu, atraída pelas terras do Paraná e fomentada pelos bons preços obtidos. Fez surgir cidades, abriu estradas, expandiu as ferrovias, sustentou o desenvolvimento do sul do Estado, especialmente de Curitiba, e o próprio desenvolvimento industrial do país. (FERREIRA, 1996, p. 87)

Consegue-se assim perceber a importância do trabalho agrícola e a cultura do café para o crescimento econômico dessa região, e como isso proporcionou essa miscigenação de culturas presentes ainda na região citada.

## **Justificativa**

O estudo da história local e regional contribui para a compreensão da história global à medida que possibilita a análise de micro histórias pertencentes a alguma outra história que as englobe e, ao mesmo tempo, reconheça suas particularidades. Essa importância da história local e do cotidiano também fica visível no livro de Heller (1970) onde a autora disserta sobre o modo como a história se forma no cotidiano de uma sociedade, nas experiências e em todos os sentimentos:

A vida cotidiana é a vida do homem

inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. Repetimos: a vida cotidiana não é alienada necessariamente, em consequência de sua estrutura, mas apenas em determinadas circunstâncias sociais. Em todas as épocas, existiram personalidades representativas que viveram uma cotidianidade não alienada; e, dado que a estruturação científica da sociedade possibilita o final da alienação, essa possibilidade encontra-se aberta a qualquer ser humano. (HELLER, 1970, P.17)

Maria Helena está situada no interior do Paraná e é uma cidade com cerca de 5.956 mil habitantes, foi uma cidade com uma produção considerável de café e que por esse motivo receberá muita migração na sua colonização. A cidade foi por muitos anos movida pelo café e teve um crescimento exacerbado, recebendo muitas culturas e costumes. Porém não existe uma memória local pois as fontes iconográficas e orais são escassas e as documentais são inexistentes. Não existe na cidade uma preocupação acerca do estudo local e isso se mostra aparente na sociedade marielenense. Ainda hoje a cidade compreende uma forte agricultura, sendo uma das maiores produtoras de mandioca do Paraná; a mandioca hoje, como o café no passado, é uma das maiores fontes de emprego do município, influenciando nitidamente a economia municipal.

Sobre a migração e os principais colonizadores, especificamente da cidade de Maria Helena, ainda no livro "O Paraná e seus municípios" fica claramente descrito que ela foi colonizada por paulistas, mineiros e famílias de origem nipônicas atraídas pelo baixo valor das terras e pelo crescimento acelerado na

cafeicultura:

Os colonizadores que concorreram para a formação do patrimônio vieram principalmente do Estado de São Paulo. Houve também forte movimento migratório de mineiros e da colônia japonesa de Marialva. Dentre os primeiros moradores destaca-se a figura de Moacir Loures Pacheco, sendo que foi em homenagem à sua filha é que a localidade recebeu a denominação Maria Helena. (FERREIRA, 1996, P.423)

Figura 1: Produção cafeeira (1960/1970).



Fonte: Autor desconhecido

Além da utilização de fontes literárias, o artigo contou com uma completa entrevista com o último pioneiro morador da cidade de Maria Helena, que esclareceu dúvidas acerca da colonização e confirmou a história presente nos artigos e livros utilizados como fonte. O pioneiro entrevistado contou que no início do período de colonização, pessoas foram contratadas para o desmate da área para a colonização da cidade e para o plantio do café. A cidade inicialmente tinha as casas construídas com madeira e coqueiros; depois de algum tempo começaram a construção de comércios que pertenciam a uma companhia contratada por Moacir Loures Pacheco: um dos colonizadores mais importantes, na época dono de uma grande quantidade de terras do município, tendo ainda registrado a cidade com o nome de sua filha Maria Helena.

Figura 2: Colonização do município (1950/1960).



Fonte: Autor desconhecido

O primeiro comércio construído na cidade foi um armazém que também pertencia a Moacir Loures Pacheco, onde se vendiam produtos básicos como arroz, açúcar, sal e querosene - que eram necessários para a sobrevivência das pessoas contratadas para a colonização, e de eventuais pessoas que migravam para a região em busca de emprego e melhores condições de vida. Maria Helena também contava com três serrarias: um meio de aproveitar a madeira tirada durante o desmate para a colonização, gerando um outro meio de renda e também auxiliando na construção de comércios e estabelecimentos na cidade.

Figura 3: Primeira delegacia do município.



Fonte: Autor desconhecido

Com o avanço do comércio e com o desmate para o café sendo mais promissor, a migração se estendeu na área, e uma enorme quantidade de pessoas começaram a migrar para a região, de modo a trabalhar nas lavouras de café. Com o avanço das plantações de café, a cidade se expandiu e o distrito da cidade se tornou um grande produtor. A maioria dos habitantes estavam estabelecidos em

Carbonera, no distrito de Maria Helena, que era onde se concentravam as maiores plantações.

Essas plantações geralmente perduravam cerca de dois a três anos, desde a plantação do café até o momento da colheita; por esse fato, com a chegada da geada negra - que acabou com todas as plantações de café da região - esses produtores ficaram receosos em iniciarem outro ciclo do café e perderem novamente suas colheitas, acabando assim permanentemente com a produção cafeeira na cidade. Os produtores que resolveram continuar na cidade migraram para outras áreas de plantio, como o algodão a soja e o amendoim: também cultivado de maneira promissora na cidade, tendo sido uma das primeiras cidades a plantar algodão e amendoim no Paraná.

A produção desses outros tipos de plantio também não perdurou por muito tempo, dando espaço para a criação de gado que também é um grande fator econômico no município. Atualmente grande parte da extensão territorial do município está destinada ao plantio da mandioca e à criação de gado. O município, ainda na atualidade continua a receber imigrações devido às grandes plantações de mandioca, porém agora famílias vindas do Paraguai.

Figura 4: Produção de cereais



Fonte: Autor desconhecido

Figura 5: Produção de cereais



Fonte: Autor desconhecido

Ainda sobre o processo migratório, Steca & Flores (2002) deixam claro como ocorreu esse processo de colonização do noroeste do Paraná, influenciado pela marcha para o oeste que visava incentivar a migração e povoar o chamado norte novíssimo - com territórios pouco desbravados - e que oferecia terras aparentemente produtivas e com potencial para a produção cafeeira; alguns migrantes - especificamente de Minas Gerais - vinham em busca de uma rica concentração de água que facilitava a moradia e o plantio que já estava escasso em algumas regiões.

As diferenças na prática do plantio, e do estilo de vida dessas pessoas também ficam muito aparentes quando discutimos sobre a utilização dos agrotóxicos, que antigamente não eram utilizados - mesmo assim sofriam muito menos com insetos. Essas mudanças sofridas com o passar do tempo na forma de plantio e no rendimento das plantações foi um dos fatores que contribuíram para a substituição dessas culturas agrícolas pela criação de gado e pelo plantio da mandioca.

A população que se dirigia a região do Norte Novo, eram procedentes do Norte do Paraná, de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e do Nordeste brasileiro, ligados a expansão do café. Havia também os que vinham do Sul, descendentes de imigrantes

européus. Estes eram safristas, ou seja, além da exploração madeireira, plantavam milho, arroz, feijão, hortelã, café e algodão e criavam animais. "a partir de 1950, a criação de porcos e o plantio de milho era forte na região (STECA & FLORES, 2002. p.165).

Sobre o fim do ciclo do café no Paraná, Cavalcante (2009) explica que o café começou a perder suas forças e a sua produção para a agricultura de outros produtos e para a pecuária, que levaram o café a um processo de esgotamento; mas foi somente com a chegada da geada negra que o café teve seu fim decretado: a geada atingira todo o Paraná, acabando com as safras de café. Desta forma, as famílias que ainda residiam na localidade decidiram buscar outros meios de movimentar a economia, investindo em comércio, pecuária e em outras formas de plantio. Em Maria Helena, a produção se manteve significativa também no cultivo de algodão, amendoim e soja, tendo sido relatado durante a pesquisa - pelo pioneiro entrevistado - que a cidade recebeu diversos cerealistas que vieram em busca de terras - antes promissoras. Essas outras formas de cultura agrícola se estenderam por muito anos, até perderem seu espaço para as plantações de mandioca que fazem parte da economia da cidade atualmente.

A partir da década de 1950, as terras disponíveis se esgotaram rapidamente no Norte Novo de Londrina, da mesma forma que no Norte Novíssimo de Umuarama e Paranaíba, na década seguinte. E o ciclo cafeeiro começa a dar sinais de decadência. Segundo Oliveira, vários fatores influenciaram este processo de esgotamento, em destaque as superproduções nas safras dos anos de 1950 e o confisco cambial dos exportadores efetuado pelo Governo de Juscelino Kubitschek. Contudo, as fortes geadas do final dos anos de 1960 e início da década de 1970 foram determinantes para a erradicação de extensas áreas de cafezais. O café

representava, em 1969, mais de um terço das exportações brasileiras, ao passo que, em 1975, após a geadas “negra” que atingiu fortemente as regiões produtoras de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo e principalmente o Norte do Paraná, as exportações de café não superavam 7% da pauta brasileira. Era o fim de um ciclo. (CAVALCANTE, 2009, Pag.7)

Vê-se assim todas as hipóteses acerca da migração e da produção cafeeira que até hoje fica evidente na cultura da região noroeste do Paraná. Pode ainda ser percebido que o café foi muito importante para a consolidação demográfica no Paraná, e mesmo com a sua queda impulsionou cidades do interior - como Maria Helena - para que perseverassem no cultivo de outros alimentos: No caso de Maria Helena, com a plantação da mandioca (que até hoje se mantém como uma das maiores produtoras da região, contando com uma feclaria e com extensas áreas de plantação de Mandioca). O projeto é essencial, pois mostra como a produção agrícola é importante economicamente para o nosso município e para as demais regiões, em uma sociedade que a tecnologia se se apresenta de maneira significativa e se mostra essencial em meio à comunidade jovem.

Outro ponto a ser discutido se refere à aldeia Xetá, situada na região, Foi por meio dos relatos desenvolvidos para o artigo que se conseguiu descobrir que os habitantes dessa aldeia que percorriam a região de Maria Helena (em busca da pesca e da caça) eram dizimados e caçados pelos pioneiros - da sua maioria de São Paulo e de Minas Gerais - que vinham desmatando essas áreas e plantando café. Atualmente, quase toda a população de Xetás que residiam nessa região foi dizimada, restando - até onde se foi possível realizar levantamento - apenas Maria Rosa Tinguá (reside atualmente em Umuarama), tendo sofrido grande aculturação quando capturada, e forçada a aceitar conviver com pessoas de outra cultura quando tinha

apenas 3 anos de idade.

Por meio das pesquisas fica muito evidente a difícil realidade dessas famílias colonizadoras: a maioria vivia em situações precárias, chegavam no município à procura de trabalho nas fazendas de café e construíam suas casas às pressas; a alimentação era praticamente por conta dessas famílias, onde quase tudo era plantado em suas próprias terras e o consumo e alimentação eram baseados integralmente nesse cultivo.

Figura 6: Produção Agrícola (1960/1970)



Fonte: Autor desconhecido

Figura 7: Primeira escola do município (1960/1970)



Fonte: Autor desconhecido

As crianças que durante um bom tempo não tiveram acesso à educação pela falta de escolas no município, trabalhavam nas plantações de café ajudando seu pais. Depois, com a evolução da cidade fora-se construída uma escola, possibilitando assim a essas crianças o direito ao ensino; mesmo assim essas crianças continuavam em uma cultura onde depois do período letivo, voltavam para seus trabalhos

rotineiros na agricultura. Desta forma, é possível perceber as diferenças e mudanças culturais que influenciaram no município durante sua colonização e como a produção cafeeira influenciou diretamente a economia e o crescimento da região, possibilitando empregos e o crescimento populacional.

## **Objetivos**

Tal levantamento histórico tem como objetivos específicos promover uma pesquisa acerca da história local, buscando responder algumas questões acerca da migração e da produção cafeeira, e também refletir sobre as estratégias tomadas pelo governo para fazer com que a produção cafeeira continuasse a crescer no Brasil, fazendo menção, dessa forma, ao convenio de Taubaté, tornando possível explicar qual o grande motivador da colonização da região onde se localiza a cidade de Maria Helena, possibilitando realizar uma análise a respeito da migração e as diversas culturas ainda presente na região.

## **Resultados**

O estudo também fomentou coletar dados de modo a desvendar a história local e criar uma memória, uma vez que não há documentos formais sobre a colonização do município. Por meio das imagens coletadas com as famílias locais, e com as fontes orais levantadas, foi possível conhecer a cultura dessa população, sua culinária e os hábitos dessas famílias em sua gênese. O trabalho também busca trazer essa história local para o ambiente escolar, de modo que crianças e adolescentes possam desfrutar da história da sua cidade, criando raízes e vínculos com o município. Sendo este aspecto deveras importante, pois como a história local é desconhecida, os alunos acabam por não compreender a importância do seu município e da sociedade como um todo na construção cultural.

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência: escolas, casa, comunidade, trabalho e lazer, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas escrita ou recuperada pela oralidade, existem os 'lugares de memória'. (BITTENCOURT, 2009, p 168.)

Por fim, a proposta do trabalho buscou mostrar como todos os eventos antes citados, foram cruciais para o desenvolvimento da cidade de Maria Helena, e busca também investigar os motivos pelos quais a produção cafeeira teve seu fim na região. Assim, busca-se compreender – através desse levantamento histórico - por meio de coleta de dados a história que ronda a colonização da região onde se encontra o município, por ora pouco estudada, trazendo hipóteses e criando uma linha do tempo e memória, que fará com que a comunidade local – e a quem mais interessar - descubra a importância econômica e cultural que a cidade possui.

A região na qual estamos inseridos, é relativamente nova se tomarmos como referência a história do Paraná e do Brasil. Entretanto, pouco conhecemos sobre essa história, pois grande parte dela tem sido perdida em função da ausência de acervos documentais que possibilitem sua preservação e/ou reconstrução. Se persistirmos neste caminho, também acabaremos perdendo a história que ainda está por ser realizada. São poucos os órgãos na região que se preocupam com a preservação da memória. Instituições/órgãos dessa natureza geralmente não são prioritários aos olhos governamentais, e as existentes são tratadas como

“instituições de segunda categoria, verdadeiros depósitos de papéis velhos e de funcionários problemáticos”. Arquivo morto é a expressão utilizada para definir os setores que cuidam da documentação. (BACELLAR, 2005, p. 49).

Desta forma, é possível perceber como o uso da história local é importante, ainda que em cidades pequenas, uma vez que se toma conhecimento da importância de seus acontecimentos para toda região, e até mesmo para o estado, dentro de um contexto histórico que influencia diretamente no desenvolvimento do país, revelando sua riqueza historiográfica e importante memória. Sendo este aspecto um dos problemas que necessita ser erradicado pelo professor das áreas de história e geografia, por ser este profissional um facilitador do ensino, com o poder de favorecer que a história de uma localidade – por menor que seja - tenha sua história desvendada e contada, permitindo que tal histórico de surgimento e existência não se perca com o passar dos anos.

## **Conclusão**

Baseado em todos os pontos levantados até o momento, é possível concluir que o estudo da história local é de suma importância para se construir uma memória local que valorize a cultura e os acontecimentos necessários para a construção de uma comunidade. Com os levantamentos de informações através das fontes pesquisadas, conseguiu-se descobrir pontos não descritos em livros, e assim perceber que um município, ainda que pequeno em sua estrutura socioeconômica - como Maria Helena - foi consideravelmente importante para a consolidação da história agrícola do estado do Paraná.

Assim, também foi possível concluir a importância das fontes iconográficas e orais, e como estas são necessárias para a recuperação da

memória histórica das comunidades, que em seu coletivo, formam uma sociedade; pois é através delas que se torna possível descobrir aspectos não descritos em documentos, e consegue-se construir a história com maior riqueza de fatos, trazendo a essência dessa população, tão miscigenada, que trouxe consigo - nessa migração - tradições, costumes e religiões diversas, fazendo com que Maria Helena fosse construída de modo a agregar essas pessoas e construir uma comunidade totalmente distinta.

Essa pesquisa não somente foi importante para a construção de uma história concreta na cidade, mas também facilitou a construção de uma história social, podendo servir de base para um projeto de desenvolvimento de um museu histórico no município, reunindo registros históricos que constituem sua memória. Também torna-se útil como base para o estudo em sala de aula, vislumbrando como ocorreu a migração, a colonização e construção da história do município; as fontes iconográficas utilizadas no trabalho também facilitarão a utilização deste no ambiente escolar, servindo como ilustração e fundamentação para a história escrita.

Dessa forma, é possível perceber que, com a pesquisa e construção da uma história local pode-se propiciar uma maior variedade de possibilidades acerca da aquisição do conhecimento histórico, permitindo que a história de uma determinada localidade não se perca, e continue fazendo parte da sociedade, sendo lembrada, respeitada e valorizada pelas gerações que se seguirão, construindo também uma memória afetiva que gere conectividade entre pessoas, lugares, tradições e culturas.

## **Referências**

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e Seus Municípios**. Editora Memoria Brasileira. Maringá PR, 1996.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Editora Paz terra filosofia. São Paulo, 1970.

STECA e FLORES. Lucinéia Cunha, Mariléia Dias. **História do Paraná Do século XVI à década de 1950.** 3ª ed. Londrina: UEL, 2002.

CAVALCANTE, Semí De Oliveira. **A economia cafeeira no Paraná até a década de 1970.** Vitrine da Conjuntura, Curitiba, v.2, n.4, junho 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História Fundamentos e Métodos.** Cortez Editora. São Paulo, 2009.

BACELLAR, Carlos. **“Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos”.** In: PINSKI, Carla B. (Org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.